

A queda do Avião da Associação Chapecoense de Futebol: uma análise da configuração do acontecimento em GaúchaZH¹

Mariane Ramos SANTOS²

Lara NASI³

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS

RESUMO

Neste trabalho, o objetivo é compreender a relação do jornalismo com o acontecimento e os processos de apuração e escrita de textos jornalísticos sobre a tragédia. Para isso, é aplicado o protocolo metodológico para a análise de cobertura de acontecimentos (SILVA; MAIA, 2011) que serviu de embasamento para analisar as matérias do website do veículo GaúchaZH, que tratavam do acidente com a Chapecoense durante um ano. Estudou-se também, a teoria sobre acontecimento jornalístico, contextualizando-o com o acontecimento da tragédia. O resultado da análise mostra que o veículo conseguiu de forma suficiente suprir os leitores de informações, atuando também como um dos responsáveis por harmonizar a ordem habitual.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Acontecimento; Acontecimento jornalístico; Chapecoense.

Considerações iniciais

O mundo inteiro voltou as atenções para o futebol no dia 29 de novembro de 2016. O acidente com a Associação Chapecoense de Futebol devastou famílias, torcedores e a sociedade. Todos, angustiados e apreensivos, queriam saber o que havia acontecido e buscavam informações através dos meios de comunicação.

O acidente foi algo inesperado, que causou tristeza e grande comoção. O que era para ser um momento de comemorações, um evento esportivo e festivo, transformou-se em tragédia.

O presente trabalho busca contextualizar a ideia de acontecimento, estudando os processos de configuração do acontecimento no jornalismo. Através do protocolo metodológico desenvolvido pelas autoras Gislene Silva e Flávia Dourado Maia (2011), analisou-se a produção jornalística do website da GaúchaZH pelo período de um ano a

¹ Trabalho apresentado na Intercom Junior do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Graduada em Comunicação Social Hab. Jornalismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, e-mail: mariramos.st@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Unijuí, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, e-mail: nasi.lara@gmail.com

partir da tragédia. Baseando-se neste protocolo, foram analisados os gêneros das matérias, a assinatura da produção, as fontes escolhidas pelos profissionais para reconstruir a tragédia após o acidente e os recursos adicionais, como fotos e vídeos, utilizados pelo veículo e incluídos nas matérias.

Acontecimento e jornalismo

Jornalismo e acontecimento são termos extremamente imbricados. A razão disso é que o jornalismo precisa do acontecimento como referência para seus textos e produções jornalísticas e o acontecimento precisa do jornalismo para que este seja reconfigurado narrativamente e compartilhado com o público, com a sociedade. França (2012, p. 39) diz que “o acontecimento não se trata de um conceito novo [...]. É interessante observar, porém, que no terreno das ciências sociais e, particularmente no campo da comunicação, a ênfase que vem recebendo é recente, porém significativa”.

Podemos tratar como acontecimento uma situação ou evento que por algum motivo faça com que o ocorrido fuja da realidade do dia a dia e do que as pessoas estão habituadas. Algo que por sua relevância saia da rotina considerada “normal”, que possa ser considerado extraordinário. Por outro lado, não podemos tratar algo rotineiro como um acontecimento. Em seu texto França (2012, p. 47), destaca que “não há por que convocar um conceito e querer tratar como acontecimento quaisquer eventos”. Os acontecimentos inesperados são os de maior interesse, tanto da população, quanto dos meios de comunicação, porque aquele evento que já está de certo modo previsto, não nos surpreende tanto quanto o inesperado.

Coisas se passam o tempo todo, lidamos com ocorrências de vários tipos, a mídia noticia, as pessoas comentam. Apenas algumas dessas ocorrências, no entanto, têm o potencial de efetiva interferência – e para essas devemos estar atentos; nós, pesquisadores; nós, comunicadores. (FRANÇA, 2012, p. 47).

Já para Rodrigues (1999, p. 27), acontecimento é “tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais”. Ainda para o autor, o acontecimento é mais imprevisível quanto menor for sua probabilidade de realização. Cabe às mídias informativas elencar quais acontecimentos devem ser tratados como prioridade e merecem divulgação e atenção dos profissionais da área. Geralmente, quando estão diante de um acontecimento, os meios produzem

notícias, reportagens, notas sobre o ocorrido, buscando manter, como estratégia editorial, o público interessado e ligado ao veículo ou mídia informativa em questão.

É importante que as empresas jornalísticas também busquem atualizar o receptor - que está esperando por mais informações sobre o que está se passando - o que realmente aconteceu, o que será feito a partir de agora e como a situação será tratada.

As narrativas jornalísticas atuam sobretudo como mediadoras dos acontecimentos jornalísticos, inscrevendo-os no curso de uma história permitindo que nós, leitores, ouvintes, espectadores e internautas, acompanhem e atualizemos essas narrativas no tempo da recepção. (LAGE, 2014, p. 84).

Um acontecimento nem sempre é inesperado. Às vezes, pode ser considerado e tratado também como acontecimento um evento planejando, para o qual a imprensa já está preparada para realizar a cobertura. Como exemplo, podemos pensar na Copa do Mundo de Futebol, realizada de quatro em quatro anos, ou nos Jogos Olímpicos. França classifica os acontecimentos em duas ordens: os naturais e sociais. Ambos “podem ser espontâneos ou provocados, podem aparecer de forma súbita ou serem previstos e programados, mas mesmo assim constituirão um acontecimento”. (FRANÇA, 2012, p. 47).

Rodrigues (1999) cita três registros de notabilidade dos fatos: o registro de excesso, o registro de falha e a inversão. O primeiro, de excesso, “é de todos o mais corrente, visto ser irrupção por excelência do funcionamento anormal da norma, emergência escandalosa de marcas excessivas do funcionamento normal dos corpos, tanto dos corpos individuais como dos corpos coletivos e institucionais” (RODRIGUES, 1999, p. 28). O registro de inversão seria um acontecimento surpreendente pelo rumo que as coisas tomam em seu desenrolar. Para o autor, “é o acontecimento – *boomerang*, o ‘voltar do feitiço contra o feiticeiro’”. (RODRIGUES, 1999, p. 28). Já o registro da falha, segundo ele “procede por defeito, por insuficiência no funcionamento normal e regular dos corpos” (RODRIGUES, 1999, p. 28). Nesta classificação, insere os acidentes:

Os acidentes pertencem habitualmente a este registro, os acidentes cósmicos, naturais, dos cataclismos, das inundações, dos terremotos, mas também os acidentes da circulação automóvel que param o fluxo normal do trânsito, os acidentes no funcionamento das centrais

nucleares com sistemas de segurança máxima considerados infláveis, os acidentes espetaculares dos foguetes interplanetários. (RODRIGUES, 1999 p. 28).

As classificações são importantes para compreendermos diante de que acontecimento estamos. Mas, para além delas, ao pensarmos de modo geral no acontecimento, retomamos o pensamento de França (2012, p. 49), para quem “os acontecimentos são aquilo mesmo que conforma nossa experiência. Acontecimentos revelam o tecido vivo da vida social. Eles não apenas fazem falar; eles colocam questões, revelam aspectos, abrem possibilidades”. Além de nos conectarem com o que foi e com o que é, os acontecimentos também nos dão a possibilidade de enxergar ou imaginar como será o futuro construído a partir dele. Lage (2014, p. 78) diz “que o acontecimento se produz no percurso da nossa experiência, individual e coletiva, afetando-nos e instaurando uma imperiosa demanda de sentido decorrente de suas indeterminações”.

De acontecimento programado a inesperado por registro de falha: o caso da Chapecoense

Com a evolução das novas tecnologias e ferramentas, o acesso a informações tornou-se muito mais fácil com a popularização de dispositivos móveis, como celulares e *tablets* conectados à internet. Pérsigo (2011, p. 28) diz que “a mídia será a principal propagadora dos acontecimentos para uma sociedade, promovendo em seu interior uma verdadeira construção do acontecimento, transformando-o em notícia”.

Para a construção noticiosa, os profissionais do jornalismo baseiam-se em depoimentos de fontes. Pérsigo observa que “construir uma notícia implica dispor de uma ampla rede de agentes, midiáticos ou não midiáticos, que participarão direta ou indiretamente, na construção dos acontecimentos até sua publicação como notícia”. (PÉRSIGO, 2011, p.44).

Assim, os meios de comunicação se utilizam de um acontecimento considerado “anormal” como matéria prima de construção de suas notícias, percorrendo um longo caminho e tratando-o como algo relevante que não pode ficar oculto, que seja digno de ser compartilhado com o público. Desta forma, repassam as informações sobre o

ocorrido à população, despertando o interesse dos receptores e mantendo-os informados. Lage (2014, p.79) diz que:

No processo de produção do acontecimento jornalístico, a surpresa e o corte no que parece contínuo e a contingência decorrem tanto do contexto de descrição próprio dos relatos quanto da constituição dos públicos dessas narrativas, sem falar da constituição dessas narrativas pelos públicos no próprio momento de recepção e interação. (LAGE, 2014, p.79).

A tragédia com o avião da Associação Chapecoense de Futebol pode ser considerada um acontecimento inesperado, devido a sua ocorrência inesperada e sua enorme proporção, e também um registro de falha, seguindo a classificação de Rodrigues (1999). Porém, antes mesmo de se suceder a queda do avião, a primeira partida da final contra o Atlético Nacional, que aconteceria no dia 28 de novembro de 2016, já era considerada um acontecimento, porém do tipo programado. Este seria transmitido e midiaticizado para toda a sociedade, já que se tratava de uma final da Copa Sul-Americana, o que explica a grande quantidade de jornalistas no voo.

Já seria um “acontecimento” por se tratar de um time considerado “pequeno” no futebol brasileiro, que ainda não havia conquistado títulos internacionais e foi para final de um campeonato internacional de extrema relevância, ainda mais depois da sofrida partida da semifinal contra o San Lorenzo, que garantiu a vaga na final. Porém, infelizmente, ganhou o mundo e os textos jornalísticos pela falha ocorrida durante o voo, tornando-se um acontecimento súbito, na denominação de França (2012).

Podemos entender que a cobertura jornalística do ocorrido com a delegação da Chapecoense passou por muitos aspectos. A começar pela queda do avião, que pegou a todos de surpresa, causando espanto pelo modo como aconteceu e também porque posteriormente foi comprovado que o acidente poderia ter sido evitado por intervenção humana, não dependendo apenas de causas naturais.

É importante nos darmos conta de que o acontecimento não passa a existir somente quando e porque percebemos; ele é exatamente porque se faz perceber, e nos faz falar. Ele não significa apenas quando se faz discurso, mas é ele que tensiona os sentidos existentes, demanda ser compreendido e impulsiona o processo de semiotização dentro do qual passa a uma outra fase de sua existência. (FRANÇA, 2012, p.45).

No caso da Chapecoense, são atribuídos sentidos ao acontecimento desde o começo do processo jornalístico, que iniciou sua apuração através de relatos e discursos de pessoas que não tinham certeza de como aquilo havia acontecido, mas estavam próximas ao local e davam entrevistas e testemunhos aos veículos de comunicação sobre o que presenciaram e encontraram primeiramente quando chegaram onde o avião estava destruído. Usou-se de testemunhos de voluntários e especialistas também para apurar as primeiras informações.

Este procedimento é necessário, pois os profissionais precisam responder ao clamor de famílias e da sociedade por informações, mesmo sem ter nenhuma informação que possa ser definitiva. Assim, disseminados nos meios de comunicação, os discursos que produziram as primeiras testemunhas espalharam-se mundo afora, fazendo com que o público dos meios de comunicação e até mesmo os próprios profissionais de jornalismo ou especialistas em aviação, comentassem e opinassem, sem ao menos ter certeza sobre o que de fato havia acontecido, o que fez com que as narrativas ganhassem maiores proporções através da recepção de informações pelos veículos de comunicação.

Podemos citar como exemplo de alguns destes discursos reproduzidos, um que falava da hipótese de que o próprio piloto do avião teria liberado o combustível quando viu que este iria cair, com a intenção de que a aeronave não pegasse fogo. Com as investigações, inclusive do próprio jornalismo, descobriu-se que o piloto não havia parado para abastecer a aeronave e que esta viajava com combustível apenas no limite para a rota estabelecida, sem nenhuma reserva para ser utilizada em caso de problemas ou contratemplos que, neste caso, foi o que aconteceu.

O acidente com a Associação Chapecoense de Futebol ainda está presente diariamente nos noticiários e documentários do mundo inteiro, mais de um ano após o seu ocorrido. Mesmo que em ritmo bem diferente do início da tragédia, matérias mostram e relembram o acidente, que até hoje produz impactos na sociedade, nos sobreviventes e nas famílias das vítimas. Com o fim das investigações, o assunto ainda causa muita polêmica quando se trata de culpados e indenizações por parte do clube às famílias. Lage explica que “é comum, nas teorias do acontecimento, certo privilégio àqueles acontecimentos cujo poder de ruptura e de confrontação com nossas expectativas são maiores, tais como as catástrofes naturais e os grandes acidentes”. (LAGE, 2014, p. 80).

As histórias que abordam o futuro da tragédia e contam como sobrevivem as famílias das vítimas, como os sobreviventes superaram o acidente e como vivem atualmente, são corriqueiramente mostradas em programas de televisão e outras mídias. Estas abordam também as reverberações de eventos envolvendo a instituição, como jogos de homenagens, encontros do elenco de jogadores com o Papa Francisco, entre outros aspectos inseridos na mídia como forma de lembrar ou não deixar cair no esquecimento o ocorrido. Muito se fala, também, no fato de que ninguém dos responsáveis pela empresa foi preso.

[...] a ocorrência de um acontecimento representa um momento relevante no desenrolar da vida de uma sociedade, e potencialmente rico para nossas análises. Ele descortina níveis velados da vida social, aponta possibilidades, suscetibiliza, mobiliza, provoca reações e mudanças. (FRANÇA, 2012, p. 49).

Entende-se que além de chamar a atenção do jornalismo, um acontecimento também ganha tal proporção devido ao interesse da sociedade por ele. De nada adiantaria um meio de comunicação exaltar um acontecimento se ele não se alastrasse pela população de forma interessante, que propicia o surgimento de novos discursos entre os receptores.

Alguns acontecimentos, por serem tantas vezes mencionados, perdem seu poder de significação e caem no esquecimento. Outros, que teriam maior importância no espaço público, podem não receber a atenção que merecem, sendo suplantados por uma série de acontecimentos que emergem com objetivos diversos no tecido social. (PÉRSIGO, 2011, p. 41).

Aqui podemos destacar também que o momento da cobertura da tragédia foi extremamente triste para os profissionais do jornalismo, já que estes tiveram que relatar para os leitores a morte dos próprios colegas de profissão. Vinte e um jornalistas estavam entre os passageiros e apenas o narrador da Rádio Oeste Capital FM, Rafael Henzel, sobreviveu.

Em um momento de comoção, o jornalismo contou sobre a tragédia, como faz em situações como esta, mas neste caso teve que trabalhar também com a sua própria tragédia, em função da perda dos companheiros de diversas emissoras que viajavam junto com a delegação para realizar a cobertura do evento. E isto afetou não só a

imprensa, mas também todos os envolvidos com a tragédia. O exemplo trazido a seguir é da mãe do goleiro Danilo, Dona Ilaídes, que emocionou o mundo inteiro.

O repórter Guido Nunes, do SporTV, a entrevistava diretamente da Arena Condá, e em meio às perguntas ela olhou para o jornalista e o questionou: – *Posso fazer uma pergunta? Como vocês, da imprensa, estão se sentindo tendo perdido tantos amigos queridos lá? Pode me responder? Posso te dar um abraço em nome da imprensa?* – disse ao repórter.

Neste momento ficou ainda mais claro como era difícil para os profissionais estarem ali, fazendo seu trabalho em um dia tão difícil. O jornalista, naquela situação, passou também à situação de testemunha, de quem sofre pelos que perdeu na tragédia. A fonte tomou a posição de entrevistadora, num momento de empatia e solidariedade.

O objeto de análise: Web site do jornal GaúchaZH

O objeto de análise escolhido foi o jornal Zero Hora, que apresentou ampla produção noticiosa durante a cobertura da tragédia. É o jornal com maior circulação no estado do Rio Grande do Sul e possui sede em Porto Alegre. O veículo está presente também nas redes nas redes sociais Twitter, Facebook, Instagram e Google+.

Já em 2017, uma nova atualização do website do jornal aconteceu: a plataforma digital uniu as marcas Zero Hora e Rádio Gaúcha, ambas do grupo RBS, com o intuito de “um indicativo da oferta de mais conteúdo do que já havia nas plataformas de ZH e da Gaúcha. Ou seja, além de trazer tudo o que o jornal e a rádio já ofereciam individualmente no ambiente digital, o novo site vai acrescentar conteúdos exclusivos em texto, áudio, vídeo e transmissões ao vivo para os espectadores. Nessa conta, ganha o público”. (GAÚCHA, 2017).

Desta forma surgiu o GaúchaZH, que oferece ao público a possibilidade de buscar informações com a união de duas das marcas do grupo editorial RBS. Sabendo que o processo de produção de notícias jornalísticas se dá a partir de uma organização interna da redação, é importante observar que aspectos são considerados e utilizados no momento em que se inicia a cobertura de um acontecimento. Segundo Silva (2005, p.96):

A criação das notícias é sempre uma interação de repórter, diretor, editor, estrangimentos da organização da sala de redação, necessidade de manter os laços com as fontes, os desejos da audiência, as poderosas convenções culturais e literárias dentro das quais os jornalistas frequentemente operam se as pensar. (SILVA apud CORREIA, 1997, p. 133).

Sendo assim, destacamos a importância do trabalho em equipe que acontece dentro das redações de jornais. Este aspecto apareceu constantemente durante o processo de cobertura da GaúchaZH sobre a tragédia em questão, visto que a interação entre profissionais que estavam na redação e profissionais que estavam no local do acidente era frequente.

Sobre a análise

Para esta análise, foram coletadas todas as matérias relacionadas ao tema no site GaúchaZH, a partir do dia da ocorrência da tragédia até um ano depois (2016-2017). Para localizar as notícias, a busca no site foi pelas palavras-chave “acidente” e “Chapecoense”. Ao todo, foram analisadas 67 matérias do Website da Zero Hora.

O trabalho jornalístico desenvolvido é baseado em um acontecimento. Assim, a metodologia utilizada é qualitativa, e como método para a análise de cobertura jornalística, adotou-se o protocolo *Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico*, desenvolvido pelas autoras Gislene Silva e Flávia Dourado Maia (2011). Este protocolo baseia-se em definições e aspectos importantes sobre uma forma teórico-metodológica de observar e analisar elementos dos textos jornalísticos. As autoras destacam que “no caso particular de estudos que tomam textos impressos como objeto empírico, o que se nota é uma ilusória pluralidade metodológica, cogitada, mas nunca alcançada”. (SILVIA; MAIA, 2011, p.20).

Com a aplicação do protocolo nas matérias do jornal Zero Hora que abordavam a temática do acidente aéreo com a Associação Chapecoense de Futebol, foi possível analisar como se deu a cobertura jornalística do acontecimento nas páginas online do veículo. Para a análise, seguimos os seguintes passos, conforme as orientações do protocolo: análise das fontes, observação dos gêneros jornalísticos, assinatura das produções e recursos adicionais. Em todas essas etapas, articulamos a análise com a discussão teórica sobre cada um destes aspectos, para não descolarmos nossa análise das discussões teóricas e compreensões sobre cada tema.

As fontes que falam no acontecimento e sua importância na reestruturação do ocorrido

Durante coberturas de tragédias, catástrofes ou eventos programados, os veículos de comunicação têm a responsabilidade de esclarecer ao público o que está acontecendo naquela situação, apurando a todo o minuto os elementos que constituem um acontecimento.

No caso de tragédias e catástrofes, as fontes assumem um papel importante durante a reconstrução do acontecimento, para dar as primeiras informações nas horas iniciais da tragédia, colocando ao profissional do jornalismo sua experiência vivenciada para falar do assunto.

Como todas as fontes são diferentes, cada uma delas, em sua especialidade, entendimento e testemunho, dá sua versão sobre o que pode ter ocasionado e acontecido nos momentos do acidente, fazendo com que suas narrativas se tornem essenciais para contribuir com o relato e construção jornalística.

Conforme o protocolo “Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico”, das autoras Silva e Maia (2011), as informações podem ser de primeira ou segunda mão. No caso das de primeira mão, essas “são obtidas diretamente pelos autores do texto e podem ser fornecidas por fontes de naturezas diversas (inclusive por meio de declarações públicas em coletivas de imprensa e eventos)”. (SILVA; MAIA 2011, p.28).

Nas matérias analisadas, prevalecem como fontes cidadãos e testemunhais as primeiras pessoas que chegaram ao local do acidente. Posteriormente, surgem então as fontes do poder público, que dão informações de como se sucederá após as primeiras horas do ocorrido, quais serão as prioridades e decisões que devem ser tomadas a partir desse momento, ou seja, começam a dar informações sobre o planejamento futuro de como será tratada e trabalhada a tragédia.

Após, aparecem informações mais concretas do que aconteceu e como o processo se desencadeará. No caso em análise, as fontes institucionais procuram não dar muitas informações sobre o ocorrido sem ter certeza de com que situação estão lidando, porém, em suas entrevistas, estas fontes procuraram se solidarizar com as famílias, divulgar as informações sobre sobreviventes e cancelamento do jogo. Mas também

principalmente, começam a se organizar pensando em quais serão os próximos passos dali para frente, em como será para todos os envolvidos a partir de agora, quais medidas serão tomadas, ou seja, iniciam um planejamento do futuro do acontecimento.

Das 67 matérias analisadas, 6 não tinham nenhuma fonte. Foram identificadas 61 matérias com fontes, divididas em categorias: fontes especialistas (11), fontes institucionais (46), fontes do poder público (3), fontes cidadãs (18) fontes de assessoria de imprensa (1), reedição (10), documentos impressos e eletrônicos (4) e ciberespaço (4).

Assinatura dos profissionais e local da cobertura

Existem diferentes áreas e possibilidades para um profissional do jornalismo atuar. De acordo com os autores Duarte e Duarte, “o uso do título de jornalista pressupõe a vinculação do profissional à imprensa escrita ou aos meios de comunicação audiovisuais”. (DUARTE; DUARTE 2010).

Na maioria das vezes o profissional da redação que possui mais conhecimentos sobre o local ou pauta e experiências profissionais é escolhido pelos chefes de redação para ir para o local onde se sucederá a cobertura. Podemos observar também que, de todas as matérias analisadas, a grande maioria possui assinatura ou de um profissional envolvido na cobertura, ou de uma editoria ligada ao assunto. Por exemplo, ZH Esportes ou Clube do Bolinha. Ambas são ligadas ao assunto esporte, que envolve futebol ou qualquer outro esporte. O fato de uma matéria ser assinada passa a credibilidade ao leitor de que existe alguém responsável por buscar as informações e as apresentarem, deixando clara sua responsabilidade pelo que está escrito. As matérias que são assinadas por profissionais são recorrentes (53). Ainda assim, mesmo que em um número inferior, algumas das matérias relacionadas ao assunto não possuem assinatura (14), não deixando claro ao leitor quem escreveu a matéria, dando a impressão de que não existe alguém responsável por tal.

Observou-se nas matérias que profissionais do veículo foram enviados diretamente até Medellín para realizar uma cobertura completa direto de lá, acompanhando de perto os desenrolares do acidente, escrevendo matérias do local do acidente, bem como suprindo a redação com informações para a produção de matérias de dentro da própria redação em Porto Alegre.

Quanto ao local de apuração, a observação aponta que foram escritas de dentro da redação 62 matérias, dando a entender que o profissional recebe as informações de quem está no local realizando a cobertura e a escreve direto da sede do jornal em Porto Alegre. Apenas quatro matérias foram escritas do local do acidente. De todo o *corpus*, apenas em uma não fica claro onde foi escrita. Este aspecto também chama a atenção devido ao pequeno número de matérias produzidas diretamente do local do acidente.

Inferimos, na análise, que as informações chegavam até a redação por meio dos poucos profissionais enviados ou através de outros meios de comunicação ou instituições envolvidas que divulgavam informações.

Os gêneros jornalísticos das matérias

As definições de gêneros jornalísticos não são consensuais, mas, modo geral, pode-se falar dos gêneros informativo, opinativo e interpretativo. O gênero opinativo é uma leitura da realidade baseada na visão de jornalistas e veículos através de editoriais, comentários, artigos, resenhas ou críticas, colunas, cartas, charges e crônica. (BELTRÃO, 1976). O gênero interpretativo divide-se em um posicionamento do autor, sua explicação e interpretação, onde aparecem análises, enquetes, cronologias e dossiês. E, por fim, no gênero informativo, que como o próprio nome já diz, prevalece a busca pela objetividade a partir do relato de fatos. Nele aparecem as notas, notícias, reportagens e entrevistas. Para BELTRÃO (1969, p. 82 apud LOPEZ; DA MATA, 2009, p. 3), “estão inseridos no gênero informativo a notícia, a entrevista, a reportagem, a história de interesse humano e a informação por imagem”.

Em todas as matérias analisou-se o gênero jornalístico, prevalecendo o gênero informativo. Buscando deixar os receptores informados sobre o que estava acontecendo, as notícias (56) são as mais presentes. Poucas vezes, o jornal realizou entrevistas (6), reportagens (3) mais completas, ou divulgou pequenas notas (2) sobre o acidente. Uma notícia é um relato mais objetivo dos fatos, onde nela encontra-se pelo menos uma fonte, presente diariamente nos jornais.

Os recursos adicionais presentes nas matérias

Os recursos multimídia, como vídeos, áudios e fotos, possibilitam ao profissional mostrar o que está acontecendo de forma “mais verossímil”, produzindo um conteúdo

mais interessante e relevante para os receptores. Para Mielniczuk “o jornalismo digital também é denominado de ‘jornalismo multimídia’, pois implica na possibilidade da manipulação conjunta de dados digitalizados de diferentes naturezas: texto, som e imagem”. (MIELNICZUK, 2003, p. 25). Com a ajuda de celulares, esses recursos são enviados instantaneamente as redações para serem postados rapidamente com as notícias veiculadas. Segundo o protocolo utilizado para análise, os recursos visuais/adicionais são próprios de agência de notícias, de assessorias de imprensa ou de outras fontes, e podem ser divididos em fontes, vídeos e imagens não fotográficas. Durante a aplicação do protocolo para a análise, observa-se que das fotos anexadas nas matérias analisadas, todas levam legendas e assinaturas, bem como referências de onde foram retiradas, seja de mídias sociais, de outro veículo de comunicação, do próprio jornalista enviado para realizar a cobertura, ou as que são dos fotógrafos da agência RBS.

A maioria das fotografias eram originais, da própria agência de notícias RBS, porém quando o jornal não dispunha de fotografias, parece ter optado por não deixar suas matérias sem ilustração, usando então recursos visuais de outros veículos ou agências e até mesmo profissionais que registraram momentos da tragédia. O veículo optou também por utilizar imagens não-fotográficas como ilustrações e montagens.

Considerações finais

A queda de um avião será sempre tratada como um acontecimento, porque é algo extraordinário, inesperado e que rompe com a “normalidade” das vidas cotidianas. No jornalismo, a tragédia com o voo da Chapecoense parece ter sido ainda mais midiaticizada por se tratar de um clube que estava em sua melhor fase a caminho da disputa um título inédito de um campeonato internacional.

O acidente com Associação da Chapecoense de Futebol ganhou enorme repercussão e não poderia ser diferente pela forma como aconteceu, devido às imprudências e falhas humanas que poderiam ter sido evitadas. A cobertura da tragédia foi ainda mais difícil para os profissionais da área da comunicação, que em meio à perda de colegas não podiam deixar de fazer o seu trabalho, que é informar à sociedade, produzir conhecimento e dar inteligibilidade a um acontecimento diante do qual a principal reação é incredulidade. Podemos dizer então que o jornalismo tem um papel

importante na cobertura dos acontecimentos, pois é um dos responsáveis por reestabilizar a “ordem”, ao informar para a sociedade o que está acontecendo.

Não se pode dizer que o *website* do jornal Zero Hora, que tem maior circulação no Rio Grande do Sul, e objeto de análise neste trabalho, deixou a desejar quando se trata da cobertura da tragédia da Associação da Chapecoense de Futebol. Entende-se que o veículo trabalhou de forma suficiente, com os recursos que possuía, para dar conta de realizar a cobertura e de forma satisfatória informar os seus leitores, trabalhando jornalisticamente com o acontecimento que desestabilizou a sociedade. O veículo e os profissionais estabilizaram o acontecimento através de suas matérias, mostrando que seria possível sim voltar ao normal e que as vidas tanto das vítimas, quanto as nossas seguiriam em frente e também mostrar que futuramente uma reconstrução do clube seria possível.

Não foi a primeira vez e também não será a última em que o jornalismo enfrentará desafios para cumprir com seu papel, cabe aos veículos e aos profissionais da área seguirem os processos de produção jornalística para que a sociedade siga acompanhando o que acontece através dos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, L. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

DUARTE, M. Y. M; DUARTE, J. **Papel e atuação de jornalistas e relações-públicas em uma organização, segundo jornalistas**. Disponível em:
<<http://www.comtexto.com.br/convicomartigoJorgeMarciaRPjornalista.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

FRANÇA, V. R.V. O acontecimento e os quadros de sentido. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga, OLIVEIRA Luciana (Org.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012a. p. 48-50.

_____. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga, OLIVEIRA Luciana (Org.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012b. p. 39-44.

_____. O poder hermenêutico do acontecimento. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga, OLIVEIRA Luciana (Org.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012c. p. 45-48.

GAÚCHAZH. Porto Alegre, 21 set. 2017. Disponível em:
<[https://gauchazh.clicrbs.com.br/ geral/noticia/2017/09/gauchazh-plataforma-digital-une-forcas-de-zh-e-gauch-9908535.html](https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/09/gauchazh-plataforma-digital-une-forcas-de-zh-e-gauch-9908535.html)>. Acesso em: 27 nov. 2017.

LAGE, L. O acontecimento é o passado da notícia. In: LEAL, Bruno Souza, ANTUNES Elton, VAZ Paulo Bernardo (Org.). **Para entender o jornalismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 77-88.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporânea, Salvador, BA, 2003.

PÉRSIGO, P. M. **Entre a crise e a notícia**: as estratégias organizacionais da Air France e a construção do acontecimento “voo 447” pela mídia impressa brasileira e francesa. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Santa Maria, RS, 2011.

RODRIGUES, A. D. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e histórias. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 27-33.

SILVA G. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 2, 1º semestre de 2005. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

SILVA, G; MAIA F. D. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. In: **RuMoRes – Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias**, São Paulo, Ed. 10, p. 18-36, jul./dez. 2011.